

«Manual de maus costumes» ou gramática da nossa civilização?

Uma reflexão sobre o valor e a importância
da Sagrada Escritura

JOÃO ALBERTO SOUSA CORREIA*

Introdução

No dia 18 de Outubro de 2009, quando em Braga se apresentava oficialmente o Departamento de Animação Bíblica da Pastoral (DABP), em Penafiel, aquando da apresentação do seu romance *Caim*, o escritor e prémio Nobel da Literatura José Saramago dizia ser a Bíblia «um manual de maus costumes, um catálogo de crueldade e do pior da natureza humana». Quando ouvi e li esta afirmação, vieram-me de imediato ao pensamento dois textos:

– «Toda a Escritura é inspirada por Deus e adequada para ensinar, refutar, corrigir e educar na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e esteja preparado para toda a obra boa» (2 *Tm* 3, 16-17).

– «Estou persuadido de que não existe na história da humanidade um livro tão valioso como a Bíblia, e não existirá jamais... E isto é verdadeiro tanto para o crente como para o descrente» (Almada Negreiros).

Os textos agora citados são uma outra forma de colocar a questão que dá o tema a este artigo: «*Manual de maus costumes*» ou *gramática da nossa civilização*?

* Faculdade de Teologia – UCP-Braga.

Por não se tratar de afirmações complementares, mas contraditórias, e por isso incompatíveis, é legítimo perguntar: Em que ficamos? Quem tem razão? Quais os motivos e qual o alcance destas afirmações?

A afirmação de José Saramago é categórica, não deixa margem para dúvidas e suscita algumas perguntas prévias. Com que fundamento e intenção a faz? A partir de que concepção e leitura da Bíblia? Ou não será antes a partir da falta de uma leitura correcta da Escritura e motivado por equívocos e/ou preconceitos em relação ao «livro dos livros»?

Convém lembrar que, já por altura do lançamento da obra *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, José Saramago havia proferido afirmações pouco abonatórias em relação ao texto bíblico. Uma vez mais, o romancista faz recair sobre a Sagrada Escritura a suspeita de coisa pouco (ou nada) séria, anquilosada e ultrapassada.

Os jornais, a rádio e a televisão não demoraram em fazer-se eco das suas palavras, comentando-as e dissecando-as. As reacções surgiram em catadupa, vindas das mais diversas latitudes e assumindo, por vezes, contornos radicais e polémicos muito semelhantes aos da afirmação do próprio José Saramago. Artigos nos jornais, *dossiers* em revistas, comentários na rádio e na televisão, nas mesas dos cafés, nas ruas e nas praças. Quer os intelectuais quer o povo simples comentaram à saciedade uma afirmação que alegrou alguns, mas feriu os ouvidos de muitos mais, pelos motivos mais diversificados. Pondo de parte alguns comentários pouco sérios e até jocosos sobre a polémica, as reacções podem dividir-se em três:

- os que pensam como Saramago e põem de manifesto uma grande ignorância sobre a Escritura, sobre os seus modos de dizer (géneros literários), sobre os métodos de leitura e interpretação do texto e conseqüentemente sobre a sua profunda influência na cultura ocidental;

- os que se posicionam do lado diametralmente oposto, alguns cristãos indignados que, de forma pouco esclarecida e acrítica, não contribuíram positivamente para o debate e mostraram saber da Escritura pouco mais – ou um pouco menos! – que José Saramago e os que pensam como ele;

- aqueles que, crentes ou não, conhecem a Bíblia e reconhecem que não só não é aquilo que Saramago afirmou, como é muito mais do que isso: o «livro dos livros» que, para além dos limites da eclesialidade, deu e dá forma e espírito à cultura ocidental, no que ela tem de melhor.

Situo-me neste último grupo e, por isso, não posso pactuar com posturas radicais nem com uma leitura literalista ou fundamentalista da Escritura que em nada ajuda ao debate. Este tipo de leitura corre o risco de não só dar razão a Saramago, como até de incorrer nos mesmos erros em que ele incorreu, usando métodos semelhantes para chegar a conclusões diferentes.

Confesso ter dificuldade em perceber a postura de José Saramago, por dois motivos fundamentais:

– primeiro, porque, sendo ele um nome grande da literatura, habituado a lidar com os textos, era de esperar que olhasse a Bíblia de um outro jeito, ao menos na vertente literária – no que se diz late o que se quer dizer –;

– segundo, se é homem de cultura, deveria conhecer minimamente a história ocidental e as características da sociedade actual, onde a Bíblia deixou e deixa profundas marcas. A menos que preconceitos ideológicos o impeçam de ver, no mínimo, a riqueza humana que nela se esconde ou o levem a não querer ver que se trata de um verdadeiro código da nossa civilização. Se assim é, está feito o elogio da cegueira!

Quer-me parecer que as afirmações de José Saramago apresentam como pressuposto, por um lado, uma série de equívocos quanto à natureza, aos métodos de leitura e análise do texto bíblico; por outro, uma (aparente) ignorância crassa quanto ao contributo da Bíblia para a identidade da cultura ocidental, ao longo destes dois mil anos de cristianismo. Como quer que seja, não deixa de ser uma questão incómoda e pertinente, a exigir a melhor das nossas atenções.

I. «MANUAL DE MAUS COSTUMES»?

Alguns equívocos a respeito da Bíblia

No contexto de uma cultura positivista, desarticulada, gregária e superficial, como o vai sendo genericamente a cultura actual, são muitos os equívocos a respeito da Bíblia, quer quanto à sua natureza, quer quanto aos métodos da sua leitura e interpretação. Deve ter sido com base neles que José Saramago chamou à Bíblia «manual de maus costumes» e outros a consideraram um repositório de descrições e narrativas pouco ou nada edificantes.

A verdade é que tenho encontrado cristãos com ideias algo parecidas, ainda que sem ousadia para as formular ou sem tempo de antena quando ousam afirmá-las.

1. Equívocos quanto à natureza da Escritura

Se é verdade que a cultura actual é pouco integradora e, por vezes, até dicotómica, no caso da Bíblia, da religião e da fé, chega a ser escandalosamente preconceituosa. Há uns anos a esta parte que se quer fazer passar a ideia de que quem é culto não é crente e quem é crente não é culto. Ora, nada mais errado, como o demonstra quer a História da Igreja, com a sua plêiade interminável de homens e mulheres de cultura, quer o próprio presente, em que a Igreja continua a dar cartas nesta área, apesar da democratização e da tendencial universalização da cultura.

As questões que, de seguida, enuncio e às quais procuro dar resposta penso serem elucidativas das faltas de articulação, das dicotomias e preconceitos que habitam a cultura moderna face à Bíblia, em particular, e às questões eclesiais, em geral. Estes equívocos estão na rua, andam por aí espalhados deixam marcas profundas.

1.1. Palavra de Deus ou palavra humana?

Parece-me que o primeiro equívoco que assola a cultura contemporânea em relação à Bíblia se pode traduzir assim: a Sagrada Escritura é Palavra divina ou humana? Vem directamente de Deus ou podemos e devemos falar da acção e mediação humana na sua génese, formação e fixação escrita?

Talvez a afirmação clássica de que a Sagrada Escritura é Palavra de Deus tenha levado os próprios crentes a sublinhar tanto a condição de Palavra de Deus que se relegou para plano inferior ou mesmo se esqueceu a sua dimensão de palavra humana. E a ser assim, como pode a Palavra divina apresentar atitudes ou acontecimentos pouco abonatórios, imagens de Deus algo suspeitas e afirmações que ferem os ouvidos? Tudo isto suscita muitas dúvidas, perplexidades e interrogações.

A verdade é que a questão não pode nem deve ser colocada desta forma. Por um lado, estamos perante uma mensagem divina vertida em palavras humanas, um mistério análogo ao da encarnação, e negar isto é pôr em questão o processo da revelação. Por outro, os textos bíblicos apresentam-nos o testemunho de uma busca humana de Deus que se revela na história de um povo, com as suas virtualidades, vicissitudes e dramas. Esquecer isto seria retirar à revelação e à Escritura a sua dimensão histórica e naturalmente o seu interesse para a humanidade. Só no horizonte da busca humana de um Deus que se revela podemos situar as muitas imagens de Deus do Antigo Testamento – algumas pouco abonatórias ou, pelo menos, intrigantes – que o Novo Testamento supera, mediante a apresentação da imagem histórica e encarnada de Deus, Jesus Cristo, rosto da ternura e misericórdia do Pai, como gosta de o sublinhar o evangelista Lucas (cfr. *Lc 15*).

Deus serve-se da experiência humana, onde actua o seu Espírito, para comunicar a sua mensagem (anúncio e denúncia). Revela-se assim na história de um povo, nos seus momentos melhores e piores. Está presente em toda a vida e na vida toda do seu povo que, bem vistas as coisas, é a nossa vida! Este é o horizonte da revelação e o paradigma da compreensão da comunicação divina que aí acontece.

Teremos, então, que concluir que a dicotomia da pergunta (Palavra de Deus ou palavra humana?) é um verdadeiro equívoco, porque não respeita a natureza do texto bíblico. De facto, a questão terá que se transformar em

afirmação e não pode ser dijuntiva (ou... ou...), mas conjuntiva (e... e...) e soar assim: a Escritura é simultaneamente Palavra de Deus e palavra humana. E não só não perde em valor por ser as duas em simultâneo como ganha em interesse e pertinência histórica.

1.2. Teologia ou literatura?

O segundo equívoco da cultura contemporânea em relação à natureza da Escritura tem a ver com uma outra dicotomia: a Bíblia é um livro teológico ou literário? Trata-se de teologia ou de literatura?

Quando, nos primeiros séculos do cristianismo, os pagãos acusavam os cristãos de possuírem um livro sem nível literário, Agostinho respondeu-lhes assim: «também a Bíblia conta com os vossos recursos poéticos e com outros que vós desconheceis»¹. De facto, «a Bíblia é um livro de exímia qualidade literária»², onde se encontram inúmeros géneros e recursos estilísticos, ao nível dos melhores clássicos da literatura greco-romana. A evidência destas constatações leva-nos a concluir que, nalguns sectores da sociedade, e talvez mais no da cultura, se vive a pior das cegueiras: não se vê porque não se quer ver!

Da parte dos crentes, é frequente olharem para a Escritura e verem nela o livro da sua fé. Fruto da vida crente de um povo, ela assume-se como cânon (= regra) de vida para todos. É por esse motivo que a olhamos na perspectiva da teologia. E não está mal. Contudo, esquecemo-nos facilmente que a Escritura é, antes de mais, literatura, como bem o demonstra Northrop Frye³.

Na mesma linha se situa Erich Auerbach. Ele reconhece na Bíblia e na Odisseia os dois modelos cruciais da nossa cultura. E até um dos mestres da suspeita, Nietzsche, no seu livro *Aurora* (1881), afirma: «para nós, Abraão é mais do que qualquer pessoa da história grega ou alemã. Entre o que sentimos na leitura dos Salmos e o que experimentamos na leitura de Píndaro e de Petrarca, há a mesma diferença que entre a pátria e a terra estrangeira»⁴.

Se a Bíblia é, antes de mais, literatura, é de todo conveniente que se tenha em conta os seus recursos estilísticos para que, de algum domínio dos géneros

¹ Citado por L. Alonso SCHÖKEL, *Hermenéutica de la palabra, II*, ed. Cristiandad, Madrid 1987, p. 235.

² A. Santos VAZ, «A Bíblia, património cultural e formativo», in *Communio* XXIII (2006/4), p. 443., p. 444.

³ N. FRYE, *The Great Code. The Bible and Literature*, ed. Hartcourt Brace Jovanovich, New York – London 1982.

⁴ Citado por G. RAVASI, «Bíblia», in *Christos. Enciclopédia do cristianismo*, ed. Verbo, Lisboa / São Paulo 2004, p. 133.

literários, dos recursos de linguagem e dos expedientes estilísticos, se chegue progressivamente ao sentido profundo do texto⁵.

Podemos concluir, uma vez mais, que a dicotomia da pergunta (Teologia ou literatura?) é um outro equívoco, porque também ela não respeita a natureza do texto bíblico. De facto, a questão terá que ser mudada em afirmação, que não pode ser disjuntiva (ou... ou...), mas conjuntiva (e... e...): a Escritura é simultaneamente teologia e literatura, sem que alguma delas fique diminuída pelo facto de as coisas serem assim. Penso que, também neste caso, por ser as duas coisas ao mesmo tempo, ganha interesse e pertinência, ao mesmo tempo que testemunha a possibilidade de diálogo e articulação entre uma e outra.

1.3. Código de proibições e de leis ou proposta de vida?

Um outro equívoco da civilização ocidental, talvez herdado de uma catequese desfocada do essencial, tem a ver com uma concepção de Escritura que a identifica facilmente com um vasto leque de normas e preceitos, quais caprichos de um Deus cioso que gosta de trazer o ser humano debaixo de olho. Quando se pensa assim, facilmente se conclui que os preceitos de Deus limitam a liberdade humana e truncam os projectos e anseios da humanidade.

Tal visão da Bíblia não a distingue dos códigos legislativos e da sua incidência jurídica. Nesse caso, seria um simples código contra o homem e não a seu favor, esquecendo até uma dimensão fundamental das Escrituras, a apresentação das motivações da lei e a exortação a que o homem as cumpra para que viva e seja feliz.

É verdade que a Bíblia tem códigos legislativos e apresenta normas para a conduta da vida, mas «não é um código de proibições a suportar ou de leis a cumprir. Não impõe simplesmente uma ética, mas anuncia um Reino e dá um acréscimo de alma»⁶, ao propôr caminhos de vida nova.

É nesta proposta de vida – por vezes, feita a partir de exemplos negativos e, de seguida, corrigidos – que radica a grandeza da Escritura e a sua finalidade formativa, de que adiante falaremos. É verdade que a Bíblia contém textos que, retirados do seu contexto e lidos literalmente, fazem estremecer os menos sensíveis. Mas também é verdade que, a partir de acontecimentos históricos ou atitudes menos recomendáveis, os textos apresentam um ensinamento a reter como muito útil para a vida e exortam a proceder no sentido inverso. Também nas propostas para a vida ela se apresenta como gramática da nossa civilização.

⁵ A propósito, será muito útil a leitura de J. S. TOSAUS ABADIA, *La Biblia como literatura*, ed. Verbo Divino, Estella 1996.

⁶ A. VAZ, *a. c.*, p. 452.

2. Equívocos quanto ao(s) método(s) de leitura e interpretação

O assunto está abundantemente tratado nos estudos sobre a Sagrada Escritura. Vou apenas recordar algumas coisas que se impõem, a fim de evitarmos equívocos. De entre as muitas leituras e interpretações do texto bíblico, há duas que não respeitam a sua natureza de literatura teológica e, por isso, truncam-lhe o sentido e significado: a leitura fundamentalista e a concordista.

A primeira fica-se pelo sentido literal e primário do texto, «parte do princípio que a Bíblia, sendo Palavra de Deus inspirada e isenta de erro, deve ser lida e interpretada literalmente em todos os seus detalhes»⁷. Trata-se de um verdadeiro «suicídio do pensamento»⁸. Não tem em conta os géneros literários nem os recursos expressivos e estilísticos do texto e, por isso, apenas lê, mas não interpreta, pelo que não compreende. A mensagem mais profunda do texto, que a sua carga simbólica sugere, é abafada pela suposição de que o texto só diz o que diz. Ora, dizíamos atrás que no que o texto diz late o que o texto quer dizer. Por ser irracional, insensata e desajustada, este tipo de leitura não interessa.

A segunda tende a fazer – por vezes, até a forçar – a concordância entre a Bíblia e as descobertas científicas, os fenómenos naturais ou os acontecimentos históricos. Chega mesmo a atropelar algum destes aspectos ou até todos eles, querendo mostrar o indemonstrável e justificar o injustificável. Enveredar por aí é querer reduzir a Bíblia a um livro de ciência ou de história, o que não respeita a sua natureza nem os seus objectivos. Na verdade, os dados bíblicos testemunham, quando muito, uma ciência empírica, mas nada mais do que isso. Ancorada na história, a Escritura transcende a história e retira conclusões e ilações para a vida de todas as épocas (midrache).

A dicotomia entre a ciência e a religião, com prejuízo desta em relação àquela, que caracteriza a sociedade actual, não leva a lado nenhum. Erguer a bandeira da ciência e enterrar a religião é truncar a educação e contribuir ainda mais para o «défice cultural» da nossa sociedade. Valeria a pena ler, a este respeito, a Carta Encíclica de João Paulo II, sobre a Fé e a Razão (*Fides et Ratio*).

A leitura da Bíblia que melhor se presta à sua natureza e objectivos é a literária e teológica que está mais preocupada com o que se quer dizer do que com o que se diz. Partindo dos textos, estuda-os ao pormenor – na forma e no conteúdo – para perceber que, na letra, está escondida uma mensagem bem mais profunda e na evocação de um acontecimento se pretende mais descobrir o seu significado do que constatar a sua factualidade.

⁷ COMISSÃO PONTIFÍCIA BÍBLICA, *A interpretação da Bíblia na Igreja*, F.

⁸ *Ibid.*

3. «Manual de maus costumes»?

A somar aos equívocos atrás referidos, e como consequência deles, eis que José Saramago trouxe para a ribalta o equívoco dos equívocos, ao apelidar da Bíblia de «manual de maus costumes».

Tanto quanto sei, a função de um manual é ensinar a pensar e a fazer. Será que é essa a função da Escritura? Claro que não. Quando apresenta algum mau costume ou mau comportamento, tem a Bíblia a preocupação de suscitar a reflexão e sugerir que tal não se faz (função pedagógico-correctiva da Escritura) e até de sugerir o que há a fazer a seguir para reparar o mal feito. O apelo à conversão e à reparação do mal são disso sinais bem evidentes. Veja-se, como exemplo, no episódio de David e Betsabé, a censura do profeta Natan a tal comportamento e as consequências que essa atitude trouxe para David (2 Sm 11 – 12). A leitura do texto permite-nos concluir que não fica impune quem comete o crime, mesmo que se trate do rei. A vida continua, mas exige-se a assunção das responsabilidades, a conversão e a reparação da ofensa cometida.

Supôr ou defender que a Bíblia não deveria apresentar este tipo de casos é esquecer que ela também é palavra humana, que é literatura e que, como tal, nasce da vida e reflecte-a, no que tem de mais nobre e puro ou de mais execrável e hediondo. Seria ainda esquecer que a Escritura parte dos exemplos concretos da vida para apontar caminhos diferentes, procurando sublimar a existência humana, numa tentativa constante de a aproximar de Deus. Esse é, aliás, um dos seus grandes objectivos: a comunhão com Deus e a consequente aproximação dos homens entre si.

Não se tratando de um «manual de maus costumes», a Bíblia só pode ser a gramática da nossa civilização, como de seguida passo a demonstrar.

II. GRAMÁTICA DA NOSSA CIVILIZAÇÃO

Por mais que se queira fechar os olhos à realidade – e hoje são muitos os que sofrem de miopia cultural, fruto de estrabismo ideológico –, é inegável que a Bíblia «deu forma e conteúdo à cultura do Ocidente até aos nossos dias»⁹. Por outras palavras, «a Escritura deu à Europa e ao Ocidente uma cultura, uma memória, um futuro»¹⁰.

O assunto é vasto e susceptível de ser abordado a partir de diversos ângulos e a diferentes níveis de profundidade. Parto de uma constatação: como

⁹ A. VAZ, *a. c.*, p. 443.

¹⁰ J. C. CARVALHO, «As raízes bíblicas da cultura ocidental», in *Igreja e Missão*, 55 (2002), p. 320.

repositório de grandes narrativas, de diversos géneros literários, de símbolos e imagens, «durante séculos, a Bíblia foi o imenso léxico ou repertório iconográfico, ideológico e literário, referência constante, quer a nível erudito quer a nível popular, gerando uma tradição literária e artística diversificada»¹¹.

E tal nota-se tão claramente na linguagem e cultura popular, nas artes e nas ideias que lhe podemos chamar, com propriedade, a gramática da civilização ocidental. Sem ela, torna-se impossível descodificar a cultura e percebermos na nossa identidade, como se tornará deficitário o processo educativo das gerações presentes e futuras.

1. Gramática da linguagem e da cultura popular

Conscientes de que cada povo tem a sua linguagem e a sua cultura, remetemo-nos, neste caso, à língua e cultura popular portuguesas. Não porque as outras línguas e culturas nada tenham a ver com a Escritura – antes pelo contrário –, mas porque a extensão e vastidão da temática a isso nos obrigam.

Percorrendo a nossa linguagem e cultura, sem grande esforço nos apercebemos de inúmeras expressões, conceitos e imagens bíblicas que se usam inadvertidamente, mas que procedem do texto bíblico. Eis apenas alguns casos colhidos na variedade de palavras e expressões:

– Com frequência, definimos as situações boas da vida recorrendo aos termos «paraíso» e «Éden» (*Gn* 2, 8-16); evocamos o ódio entre irmãos com a expressão «são como Caim e Abel» (*Gn* 4, 1-16); e dizemos a longevidade de alguém usando a expressão «velho como Matusalém» (segundo *Gn* 5, 27, Matusalém viveu 969 anos!, «o que deve ter apenas o significado simbólico de as suas virtudes, a sua nobreza ou os seus altos feitos, terem perdurado por tão dilatado período de tempo»¹²).

– Babel (*Gn* 11, 1-9) é tomada frequentemente como arquétipo da confusão e o prato de lentilhas com que Jacob comprou a primogenitura a seu irmão Esaú (*Gn* 25, 29-34) é uma imagem usada para falar da troca ou venda de «uma coisa ou uma situação de grande qualidade ou proveito por outra de valor consideravelmente inferior»¹³. Remete necessariamente para um mau negócio, um sinal de astúcia (Jacob) ou de ligeireza e leviandade (Esaú). Evocamos frequentemente a abundância mediante a expressão «vacas gordas» e a carência pela sua correlativa «vacas magras» (*Gn* 41).

¹¹ A. Santos Vaz, *a. c.*, p. 445.

¹² O. Neves, *Expressões bíblicas*, ed. Notícias, Lisboa 2003, p. 144.

¹³ *Ibid.*, p. 145.

– Com a palavra «maná» (*Ex* 16, 1-21) referimos uma coisa boa, como a chuva que cai em tempo de estiagem. «Ter saudades das cebolas do Egipto» (cfr. *Nm* 11, 5) é uma expressão com que se sugere o sentimento humano que invade aqueles que trocam a liberdade por um estômago cheio ou afogam as dificuldades presentes no saudosismo de um passado ilusoriamente melhor.

– A «lei de talião» – «olho por olho, dente por dente» (*Ex* 21, 23-25; *Lv* 24, 17-23; *Dt* 19, 21) – continua a ser uma expressão usada entre nós para falar de uma justiça que paga a ofensa recebida com uma ofensa igual.

– «Adorar um bezerro de ouro» (*Ex* 32, 1-14) é sinónimo da idolatria de uma sociedade que se prosta diante dos bens materiais e da aparência. Frequente na nossa cultura é também a expressão «bode expiatório» (*Lv* 16¹⁴): indica o acto de atirar para as costas de outrém as faltas ou pecados próprios.

– A expressão «ano/semestre sabático» ou «licença sabática», usada para evocar um tempo mais prolongado de descanso na vida profissional de alguém ou de mudança de actividade, é também de origem bíblica (*Ex* 23, 10-13; *Lv* 25, 1-7).

– É usual chamarmos «decálogo» (cfr. *Ex* 20, 1-21; *Dt* 5, 1-21) a um conjunto de dez palavras, regras ou reflexões, assim como não é raro identificarmos com Sansão e Dalila a situação de um homem que, seduzido por uma mulher, revela as suas debilidades (*Jz* 16); ou designarmos uma luta entre pessoas de força desigual em que o mais fraco vence o mais forte como sendo entre David e Golias (*1 Sm* 17).

– Salomão é tido como o símbolo da sabedoria (daí a expressão «sentença salomónica») e do esplendor (*1 Rs* 3, 5-28) e a pobreza extrema ou de paciência resignada chega a ser designada com as expressões «pobreza de Job» e «paciência de Job». O «resto de Israel» (*Jr* 24, 1-10; *Ez* 6, 8-14, entre muitos outros) é uma expressão que remete para um grupo pequeno que resta de um maior, mas que é capaz de dar continuidade a um projecto. É, por isso mesmo, um indicador de esperança.

As palavras ou expressões de que falamos até ao momento são todas do Antigo Testamento. Porém, também o Novo Testamento possui algumas que entraram na linguagem e cultura populares:

– «Construir na areia» (*Mt* 7, 26) é uma expressão que se usa quando se pretende evocar uma construção insegura e infirme; «deitar pérolas a porcos» (*Mt* 7, 6) designa o gesto de «oferecer coisas finas, delicadas, ricas ou requintadas a pessoas rudes, ignorantes ou insensíveis e, por isso, delas indignas»¹⁵; «separar o trigo do joio» é uma expressão que aponta para a necessidade de distinguir o bem do mal.

¹⁴ No «Dia da Expição» (*Yom Kippur*), «um bode recebia como carga simbólica as iniquidades do povo judeu e era conduzido ao deserto para aí despejar todos os pecados e depois morrer» (O. NEVES, o. c., p. 42).

¹⁵ *Ibid.*, p. 62.

– «Dai (...) a César o que é de César e a Deus o que é de Deus» (Mt 22, 31; Mc 12, 17; Lc 20, 25) usa-se com o significado de atribuir cada coisa ao seu legítimo dono ou autor e frequentemente exprime a liberdade religiosa nas relações Igreja – Estado ou a distinção entre as obrigações sociais e religiosas;

– Aquele que trai um amigo continua a ser apodado de «Judas» (Mt 26, 14-16) e a sua atitude que traduz traição, delação e hipocrisia é definida com a expressão «beijo frio da traição» (Mt 26, 49). Mais ainda: no contexto da Paixão, ficou para a posteridade o gesto de Pilatos (Mt 27, 24). «Lavar as mãos como Pilatos» tornou-se sinónimo de demissão das responsabilidades.

– Marta e Maria (Lc 10, 38-42) são tomadas como modelos de duas posturas diversas perante a vida: a primeira é o ícone da pessoa atarefada, a segunda o da pessoa contemplativa. A expressão «filho pródigo» (Lc 15, 11-32), usada para designar o que se afasta e depois volta à casa paterna, é de uso recorrente, assim como «matar o vitelo gordo» significa receber alguém que regressa de maneira festiva.

– «Andar de Anás para Caifás» (Jo 18, 12-24) é uma expressão que evoca o vai-e-vém exigido pela burocracia. Por seu turno, «o que escrevi está escrito» (Jo 19, 22) sugere determinação e fecha as portas a qualquer mudança.

– Tomé (Jo 20, 24-29) tornou-se ícone de todos os que reclamam «ver para crer» e o paradigma de uma fé positivista que, em última instância, não é fé.

– A compra de objectos sagrados ou graças divinas chama-se «simonia», termo que deriva de Simão que quis comprar o poder de impôr as mãos e infundir o Espírito Santo (Act 8, 18-24).

2. Gramática das artes

No presente, como ao longo da história, é difícil encontrar um artista que se coíba ou tenha coibido de usar as expressões, os personagens, os cenários e os imaginários bíblicos para se exprimir, formar, sugerir e evocar. E tal acontece em todas as artes: literatura, arquitectura, pintura, música, etc.

Na literatura, não só «a Bíblia é um livro de exímia qualidade literária»¹⁶, como também se contam aos milhões as páginas que partem dela¹⁷, a ponto de não ser possível compaginar a compreensão de boa parte da literatura ocidental e da cultura que lhe está subjacente com a ignorância bíblica.

De entre as centenas de escritores e poetas que se inspiraram nos temas bíblicos, referimos apenas alguns deles: Dante, John Milton, Graham Greene,

¹⁶ *Ibid.*, p. 444.

¹⁷ N. FRYE, *The Great Code. The Bible and Literature*, ed. Hartcourt Brace Jovanovich, New York – London 1982. A relação entre a Bíblia e a literatura é aqui tratada de forma magistral e categórica.

Bernanos, Paul Claudel, Schiller, Goethe, John Steinbeck, etc. Se a estes nomes juntarmos os da literatura portuguesa (Camões, Almada Negreiros, Sebastião da Gama, etc.), só temos a concluir que «a Bíblia é o compêndio que dá uma unidade à experiência literária nos países ocidentais»¹⁸.

Na arquitectura, basta visitarmos as principais catedrais para percebermos que os seus motivos são habitualmente retirados dos textos bíblicos. Os vitrais, os pórticos, os retábulos, as pinturas e as esculturas (estatuária), verdadeiras e completas catequeses, aí estão a testemunhar uma época em que a arte era a *Biblia Pauperum*, até pelo facto de os textos serem proclamados numa língua (o latim) cuja compreensão escapava a uma boa parte dos crentes.

Da enorme galeria de pinturas de inspiração bíblica, para além da Capela Sistina e das pinturas de Cimabue e Fra Angelico, em Assis, não podemos esquecer a influência que o texto bíblico exerceu e exerce em quase todos os pintores. Quem visita as principais igrejas e museus da Europa, não pode deixar de constatar que a maior parte das pinturas versam temas religiosos, retratando e interpretando personagens e acontecimentos bíblicos. Rembrandt é mesmo um dos expoentes mais notáveis da pintura de cenas bíblicas e as suas pinturas são das que melhor exprimem o sentido mais profundo dos textos (veja-se, como exemplo, a grandeza expressiva do quadro do Filho Pródigo).

A música, nos mais diversos estilos, é um campo vastíssimo onde a palavra bíblica sempre marcou presença. A prova de que é impossível pensar a música clássica à margem da Escritura é o facto de *O Messias* de Händel e das *Paixões* de J. S. Bach se tornarem indecifráveis sem o texto e o contexto bíblico. E poderíamos colocar a mesma questão a propósito de todos os compositores.

A constatação é sugestiva: não há compositor clássico que não tenha usado o texto bíblico. A verdade é que os modernos também não fogem muito à regra.

O cinema, arte mais recente, tem criado diversas obras relacionadas com personagens e acontecimentos bíblicos (é sobejamente conhecido o filme *Os Dez Mandamentos* de Cecil B. DeMille) e, noutros casos, inspira-se neles para trazer à tela considerações e reflexões sobre as grandes questões da humanidade (o exemplo mais recente é o filme *A árvore da vida*), porque a Escritura é uma tela inspiradora de respostas às grandes questões humanas, porque nela estão expostos e reflectidos as grandezas e os dramas humanos.

¹⁸ A. Santos Vaz, *a. c.*, p. 446.

3. Gramática das ideias

São muitas as que atravessaram, estão e continuarão presentes na cultura ocidental nascidas na Bíblia e da Bíblia. O assunto é tão vasto que daria para mais do que um artigo. Por isso, refiro apenas algumas e faço-o de forma muito sucinta.

– É da Escritura a noção do sujeito enquanto actor principal da sua história, como consequência da dignidade inalienável de cada ser humano. Porém, a Escritura sugere que este protagonismo não acontece de forma isolada (ao jeito do individualismo e da «gestão privada» dos nossos dias), mas em articulação com outros sujeitos (a Escritura sublinha muito a importância da comunidade).

– A Bíblia aponta para o horizonte de globalidade que dá sentido à vida, «pela via de uma visão coerente e integradora da história, mas de uma história finalizada. O mundo e a história bíblicos são finalizados, esperam uma vida para além da morte, ou seja, existem sob o signo da esperança, não do desespero. Por via da ressurreição, a Escritura deu ao mundo (não só à Europa) uma nova visão do homem»¹⁹.

– Está clara, no texto bíblico, uma mundividência orgânica, onde Deus e o homem não se confundem, mas, ocupando cada um o seu lugar, dialogam um com o outro. As filosofias da «morte de Deus» e os acontecimentos trágicos da civilização ocidental, sobretudo no século XX, mostram que, quando se esquece Deus ou, pelo menos, quando se deturpa a sua imagem, tudo se torna possível (Max Horkheimer).

– Com base nos modelos da Escritura, desenvolveu-se, na cultura ocidental, uma atitude dialogante entre diferentes sensibilidades, culturas e cosmovisões. Estabeleceu-se «a ponte entre a inteligência e o mistério, entre Atenas e Jerusalém, entre a *sofia* e a *fides*, entre a fé e a razão»²⁰, como bem testemunha o discurso de Paulo no areópago, em Atenas (*Act* 17). Longe de se excluírem e anatematizarem, as diferentes sensibilidades, culturas e cosmovisões respeitam-se, dialogam, completam-se e esclarecem-se mutuamente.

– Ao afirmar que o homem é imagem e semelhança de Deus (cfr. *Gn* 1, 27) e que Deus se interessa pelo homem, a Escritura está a lançar as bases da tradição humanista europeia, sempre aberta à transcendência. A Bíblia ensinou o Ocidente a tratar o homem como homem, como próximo e como irmão. Não é um número nem uma entidade abstracta, mas alguém com rosto e com voz, com quem me relaciono.

¹⁹ J. C. CARVALHO, *a. c.*, p. 320.

²⁰ *Ibid.*, p. 321.

A história mostrou até que, quando isso é esquecido, perde-se o humanismo e tudo se torna possível. Auschwitz, paradigma da história recente, testemunha-o de forma inequívoca e eloquente.

– As festas da Escritura influenciaram os ritmos da vida e as festas da civilização ocidental, conferindo densidade e espessura ao tempo de todos os tempos. Basta ver que as nossas festas se inspiram na Bíblia ou simplesmente foram decalcadas a partir dela.

– A influência da Escritura fez-se sentir até na noção do tempo e da história como realidades abertas a um futuro de esperança e não reféns de um qualquer fatalismo ou determinismo. Pela acção de Deus, um tempo assim transcende o tempo métrico da cronologia (*chronos*) e torna-se ser tempo da graça (*kairós*) aquele que, pela acção do homem, se havia tornado tempo de desgraça.

– Da Escritura herdou também o Ocidente a ideia e a percepção da necessidade da lei, apresentada habitualmente de forma exortativa e pedagógica, no Pentateuco (*Torah*). A profecia e a sabedoria situam a sua reflexão e acção neste contexto de (des)obediência à Lei de Deus. Porque proveniente de Deus, a Lei tem a marca da transcendência e passou a ser vista como uma realidade exterior ao sujeito, e não um simples consenso entre indivíduos.

– A Escritura tornou o Ocidente católico, no sentido etimológico do termo, isto é, universal, aberto às diferentes culturas e, por isso, sensível ao ecumenismo (às diferentes religiões ou sensibilidades religiosas) e à universalidade, marca específica da salvação (*Gl 3, 28*: «Não há judeu nem grego; não há escravo nem livre; não há homem nem mulher, porque todos sois um só em Cristo Jesus»).

– Por último, o Ocidente herdou da Bíblia a preocupação pela ecologia, no sentido mais genuíno do termo. O respeito pela criação não assenta no seu endeusamento, como acontece com uma corrente ecológica actual, mas na consciência de que ela é dom de Deus para o homem, a ser usada de forma sensata e equilibrada, não apenas por alguns, mas por todos.

Poderíamos ainda falar da família, do respeito para com os judeus, da liberdade religiosa e de tantos outros temas que o Ocidente conquistou, desenvolveu e adoptou como seus que são de clara influência bíblica. Penso, contudo, que os que vimos são suficientes para sufragarmos a tese de que a Bíblia é a gramática das ideias que norteiam a nossa civilização.

III. MODELO FORMATIVO DAS GERAÇÕES FUTURAS

Será a Bíblia apenas uma gramática que permite a compreensão da cultura ou vai além disso? É a questão que, a concluir, brevemente queremos equacionar.

Vimos que conhecer a Bíblia é fundamental para compreender a literatura, a música, a arquitectura, a escultura e até os museus, últimos santuários dos descrentes e dos não praticantes. É que a Bíblia – também já o dissemos – é um verdadeiro «monumento cultural» e a chave de leitura de toda ou quase toda a cultura ocidental. É nesse sentido que ela é gramática.

Retenho, contudo, que, mais do que gramática, a Escritura é um instrumento pedagógico de grande utilidade, um verdadeiro «manual de instruções» no processo da educação e formação das gerações presentes e futuras.

Por isso, uma formação que dê centralidade «à leitura das grandes narrativas bíblicas, tornando conhecidas as suas personagens (Abraão, Isaac e Jacob, Moisés, Gedeão, Sansão, David, Salomão, Elias, Isaías e Jeremias, Jesus, Maria, João, Pedro, Paulo...), levaria o formando a perceber, por um lado, que a Bíblia, como a vida, não é um livro de histórias edificantes e, por outro, que as suas personagens corporizam um plano histórico que preconiza o bem para a humanidade inteira e ensina a esquivar o mal que determinadas personagens cometeram. Na Bíblia, temos histórias de vida, de vida examinada, de vida criticada, de vida depurada, de vida explicada, de vida sublimada, de vida amadurecida, de vida tornada inspiração para outras vidas, de vida transformada em linguagem para, através desta, ser partilhada»²¹.

No processo educativo, não duvido que a Bíblia gera elevação e humanidade porque ajuda a esbater preconceitos e incompreensões, na medida em que favorece «um melhor conhecimento do património comum de humanidade e dignidade que a todos pode unir»²². É por isso que ela «pertence a todos, aos ateus e aos que crêem. É o livro da humanidade» (F. Dostoievski). E Miguel Ângelo afirmou: «tão grande é a minha veneração pela Bíblia que, quanto mais cedo meus filhos comecem a lê-la, tanto mais confiado espero que eles serão cidadãos úteis à pátria e membros respeitáveis da sociedade. Há muitos anos que adopto o hábito de ler a Bíblia toda, uma vez por ano».

A Bíblia assume uma função pro-vocante e apelativa, sendo capaz de interrogar cada tempo e cada época da história, porque «a sua leitura oferece respostas para os problemas de sempre, questiona e sugere, adverte e liberta, mantendo o leitor à escuta e na interrogação»²³ (cfr. 2 Tm 3, 15-17).

A Bíblia apresenta-se como «uma instância crítica para o ser humano se rever ao mais alto nível e se transcender; uma instância crítica que faz pensar, desafia, alerta, determina a acção»²⁴. Por isso, Isaac Newton afirmou: «é impossível escravizar mental ou socialmente um povo que lê a Bíblia».

²¹ A. Santos Vaz, *a. c.*, p. 451.

²² *Ibid.*

²³ *Ibid.*, p. 452.

²⁴ *Ibid.*

E Fernando Pessoa, por seu turno, afirmou: «a influência da Bíblia sobre a vida e conduta humana prova a sua inspiração. Os lares tornam-se felizes, as vidas limpas e as nações prósperas e justas, quando se submetem aos preceitos da Santa Palavra de Deus».

Além de ajudar a compreender o mundo, a Escritura torna-o mais humano, abrindo janelas que as ciências e a técnica não conseguem abrir e, por vezes, até fecham. Talvez seja isto mesmo que se quer dizer quando se afirma que, «na sua leitura, o *livro da Bíblia* exprime a verdade do *livro do homem* que eu sou diante dos outros»²⁵.

É por isso que defendo que, mais do que gramática que permite a compreensão da nossa civilização, a Bíblia é um compêndio pedagógico a ser usado na educação e formação dos actores da história presente e futura.

Conclusão

«Honrada, parodiada, transfigurada, comentada, reinterpretada, a Bíblia continua a brindar figuras e modelos aos vários tipos de leitores, oferecendo-se como grande viveiro de motivos literários. Em suma, a sua presença nos países do Ocidente sente-se em múltiplos aspectos da vida, da cultura, da política, das ciências, das artes (música, arquitectura e escultura), da literatura, da mentalidade, da religião, das leis, da moral e da história. Quem quer que explore a civilização e a história dos dois últimos milénios do Ocidente a qualquer nível de profundidade reconhece a Bíblia como chave para as compreender e interpretar»²⁶.

«*Manual de maus costumes*» ou gramática da nossa civilização? De quanto se expôs, já percebemos que se trata de uma pergunta retórica. Para quem é lúcido e sensato, a resposta é por demais evidente: gramática da nossa civilização. Se quisermos ser mais ousados e ir um pouco mais longe, não deixaremos de reconhecer como a grelha de leitura, o motor e o programa formativo da civilização de todos os tempos.

²⁵ *Ibid.*, p. 452.

²⁶ *Ibid.*, p. 448.